

Ocupações pré-ceramistas nos areais da Amazônia Central

Anne Rapp Py-Daniel*
Claide de Paula Moraes**
Eduardo Góes Neves***
Leandro Camilo da Silva****

RAPP PY-DANIEL, A.; MORAES, C.P.; NEVES, E.G.; SILVA, L.C. Ocupações pré-ceramistas nos areais da Amazônia Central. *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia*, São Paulo, Suplemento 11: 43-49, 2011.

Resumo: Nosso objetivo é apresentar alguns dados referentes às ocupações pré-ceramistas coletados durante trabalhos de levantamentos e resgates arqueológicos realizados nas proximidades de Manaus. As hipóteses sobre as ocupações humanas e a interação com o meio ambiente são pontos discutidos desde o começo das pesquisas na região. Vestígios cerâmicos, líticos e botânicos têm fornecido dados interessantes para essas discussões. À luz desses dados apresentamos uma proposta para rever as hipóteses sobre os primeiros ocupantes da Amazônia como caçadores especializados.

Palavras-chave: Arqueologia amazônica – Ocupação pré-ceramista – Lítico – Manejo de floresta.

Introdução

Nos últimos 10 anos a arqueologia brasileira cresceu em todos os sentidos: número de sítios conhecidos, quantidade de profissionais no mercado, formação de alunos etc. (Zanettini 2010), a divulgação dos dados produzidos não tem conseguido seguir esse ritmo. Nossa proposta é

apresentar alguns dados referentes às ocupações pré-ceramistas coletados durante trabalhos de levantamentos e resgates arqueológicos realizados nas proximidades de Manaus. Comparando com a produção acadêmica de trabalhos realizados pelo Projeto Amazônia Central¹ e trabalhos sobre os sítios antigos da Amazônia, queremos acrescentar alguns “grãos de areia” ao diálogo de longa data sobre as ocupações pré-ceramistas da região.

As hipóteses sobre as ocupações humanas na Amazônia têm causado discussões acaloradas há mais de 60 anos. Desde o começo dos trabalhos

(*) Universidade Federal do Oeste do Pará. Museu de Arqueologia e Etnologia. Doutoranda em Arqueologia. <annerpd@gmail.com>

(**) Universidade Federal do Oeste do Pará. Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo. Doutorando em Arqueologia. <claidepmoraes@hotmail.com>

(***) Docente do Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo. <edgeneves@usp.br>

(****) Universidade do Estado do Amazonas. Graduando. <merrinhapasf@yahoo.com.br>

(1) O Projeto Amazônia Central (PAC) foi criado em 1995 por Eduardo Góes Neves (Universidade de São Paulo), James Petersen (Universidade de Vermont) e Michael Heckenberger (Universidade da Flórida). Os municípios de Iranduba e Manaus, no Estado do Amazonas, têm sido os principais locais de atuação do PAC

arqueológicos na região existe um grande debate sobre a possibilidade de terem existido ou não caçadores-coletores na área de floresta tropical. Para os defensores da **não existência** de ocupações desassociadas de agricultura, as limitações de disponibilidades de recursos impediriam esse modo de vida (Meggers 1971). Fortemente embasada no **determinismo ambiental** essa proposta defende que nas florestas tropicais amazônicas não estão disponíveis animais de grande porte e com costumes de aglomeração como nas savanas africanas, o que dificultaria a subsistência dependente da caça. Outro fator limitante seria a característica densa da floresta que dificultaria a caça com arco e flecha. Portanto, povos que utilizavam a caça como modo de vida prefeririam áreas mais abertas como os cerrados e campos abertos da região do Brasil central ou da região de Roraima e da Venezuela (Meggers 1971).

Desde os primeiros trabalhos em arqueologia na Amazônia foram detectados vestígios de ocupações pré-ceramistas que iam contra as proposições de impossibilidade de vida sem agricultura na área de floresta tropical. Na região de Mato Grosso, as pesquisas de Eurico Miller identificaram ocupações muito antigas no Abrigo do Sol, com datas de 13.720 ± 160 AP (Miller 1987). Na região de Carajás, Magalhães (1990) também apresenta datas antigas para ocupações pré-ceramistas numa região com muitos abrigos e grutas. Na gruta do Gavião, por exemplo, foram obtidas datações de 8.000 anos (Magalhães 1990).

Para os defensores da limitação da presença de caçadores-coletores na Amazônia esses não seriam exemplos válidos, pois estariam em regiões periféricas, em áreas que no passado não seriam cobertas por florestas. A teoria dos refúgios (Ab`Saber 1977) foi utilizada para explicar a presença desses vestígios antigos em áreas onde em períodos de aridez a paisagem Amazônica seria repleta de savanas e campos abertos que permitiriam a vida caçadora-coletores (Meggers 1971).

Nos anos 1980 a arqueóloga Anna Roosevelt escavou a caverna Pedra Pintada em Monte Alegre, no Pará. Datações para a presença humana foram obtidas com recuo de mais de 11000 anos antes do presente. A descoberta de vestígios de refugos de lascamento, que segundo Roosevelt *et al.* (1996) estariam associados a uma indústria de produção de pontas de projétil, junto

com achados fortuitos de pontas por garimpeiros, seriam evidências suficientes para comparar os ocupantes dessa região aos paleoíndios norte americanos, especializados em caça de grande porte, das culturas Folsom e Clovis.

Na época, essas constatações causaram grande impacto na comunidade científica, pois invalidavam a cronologia em voga que atestava que o homem teria chegado à América pelo Estreito de Bering, por volta de 12 mil anos atrás. A descoberta de paleoíndios na América do Sul há 11 mil anos indicaria que a ocupação humana na América teria que ter data mais antiga. Os achados de Miller (1979) no Abrigo do Sol já apresentavam datas mais antigas, porém os resultados de suas pesquisas não foram amplamente divulgados e não tiveram muita repercussão.

Como discutido por Schmitz (1999) a definição da categoria paleoíndio e os critérios utilizados para incluir um modo de vida nessa categoria, dificultam e controvertem a utilização dessa classificação para ocupações na América do Sul.

As pesquisas mais recentes na Amazônia vêm atestando que toda a região apresenta ocupações muito antigas com diferentes estratégias de subsistência que não parecem depender da agricultura. Além disso, na atualidade a categoria caçador-coletor tende a incluir também os pescadores. Principalmente na Amazônia, a maior bacia hidrográfica do planeta, a importância da fauna aquática sempre esteve presente no modo de vida das populações, sejam elas agricultoras ou não.

Outro exemplo de ocupação antiga é a região costeira da Amazônia, chamada de litoral do Salgado, onde a presença de caçadores-pescadores-coletores sambaquieiros foi atestada há mais de 7 mil anos (Simões 1981; Bandeira 2008).

Vale a pena lembrar que os sambaquis não se restringem à região litorânea, há sambaquis fluviais identificados por Hartt em Monte Alegre, em Ponta do Jauari e em Alenquer, por Frikel *et al.* (Simões e Costa 1978).

Evidências paleobotânicas vêm demonstrando que as primeiras ocupações amazônicas ao invés de especializadas em caça de grande porte associavam à caça, principalmente de pequenos animais, a pesca e a coleta de frutos, folhas e raízes (Oliver 2008). Esta atividade teria contribuído desde cedo para a domesticação de algumas plantas e começado um manejo incipiente que teria grande contribuição para a

floresta Amazônica atual. Algumas concentrações de espécies claramente foram favorecidas por esse manejo incipiente, assim a noção de floresta virgem e intocada vem sendo refutada por pesquisadores de diversas áreas (Balee 2010). Plantas como a pupunha e a mandioca têm seu processo de domesticação estimado por volta de 8 mil anos no sudoeste Amazônico (Fraser e Clement 2008; Clement *et al.* 2010).

A cerâmica, que muito frequentemente é utilizada como evidência de agricultura em pesquisas arqueológicas, também parece surgir na Amazônia em períodos pré-agrícolas. Tanto os sambaquis do litoral amazônico quanto os do interior apresentam cerâmicas (Bandeira 2008; Roosevelt *et al.* 1996). No litoral, a chamada fase Mina tem datações de até 5500 anos AP (Simões 1981). Bandeira (2008) menciona inclusive a presença de cerâmicas de mais de 7000 anos em estratos anteriores à construção dos sambaquis

do Maranhão. No sítio Taperinha talvez estejam as cerâmicas mais antigas da América com datações por volta de 8 mil anos antes do presente (Roosevelt *et al.* 1991).

Amazônia Central

No contexto da arqueologia da Amazônia Central, as áreas de areais são conhecidas como potenciais locais de ocupação das populações pré-cerâmicas (Costa 2004, 2009). De acordo com Costa (2009), essas sociedades Amazônicas ocupavam areais onde rochas silicificadas estavam disponíveis (a menos de 100m), todos os sítios encontrados pelo PAC estavam nas proximidades de jazidas de rochas das formações Alter do Chão ou Prosperança (Costa 2009). Por exemplo, em Iranduba os 22 sítios arqueológicos pré-cerâmicos encontrados tinham em comum: presença de material lítico lascado, sobre solos

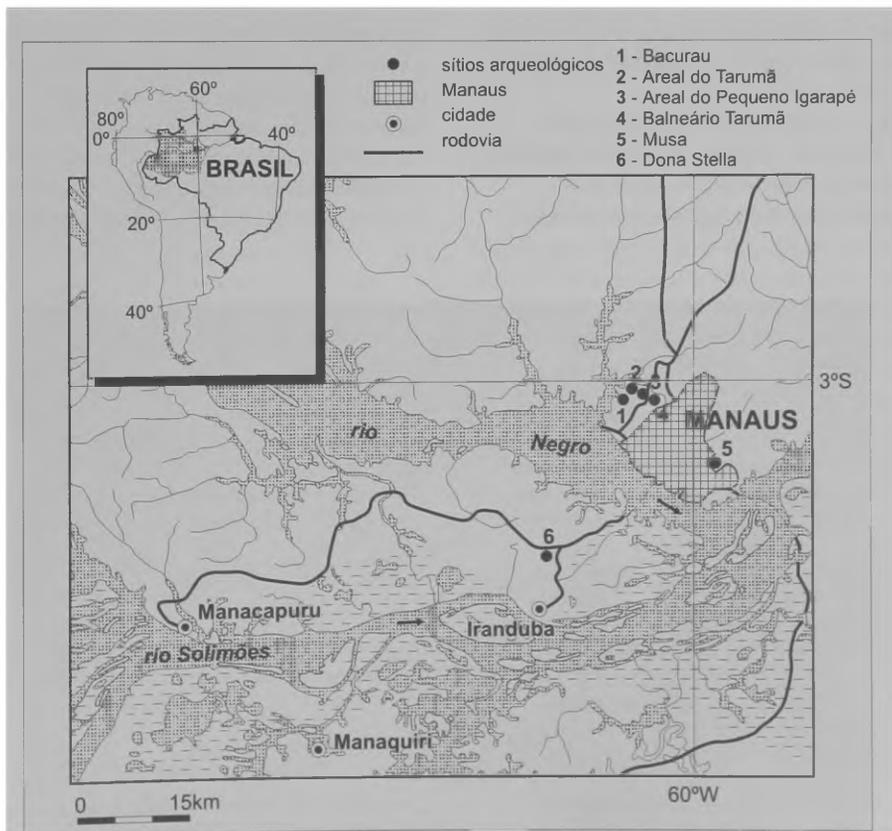


Fig. 1. Mapa com sítios arqueológicos pré-cerâmicos nas proximidades de Manaus. Créditos: Marcos Castro com adaptações de Claide Moraes.

arenosos, próximos a igarapés de água preta (Costa 2009) (Fig. 1).

No município de Manaus vários sítios arqueológicos com presença de material lítico – e sem material cerâmico – foram encontrados no baixo curso do rio Tarumã-Açu em areais (Marina Rio Belo, Areal do Itapuranga I e II, Bacurau etc.) e dentro da Reserva Ducke (Rapp Py-Daniel e Moraes 2010) (Fig. 2).

No sítio Musa, na Reserva Ducke, o material encontrado nos permite poucas considerações a respeito das populações que o legaram, pois o sítio estava extremamente impactado pela extração de areia. Foram coletados materiais líticos lascados principalmente em arenito silicificado e alguns exemplares em silexitos (Fig.3). Próximos da região existem afloramentos de arenito, a matéria prima das lascas encontradas certamente provém destes afloramentos, enquanto o silexito deve ter sido obtido através de coletas durante jornadas de longa distância ou, mais provavelmente, através de comércio entre grupos de regiões diferentes da Amazônia. As fontes de silexito mais próximas são conhecidas apenas na região do alto rio Negro (Costa 2009).

Todo o material encontrado foi lascado através da técnica unipolar. A pequena amostra encontrada não apresenta artefatos, mas simplesmente lascas e refugos de lascamento. A

falta de contexto não nos permite aludir sobre o local ter servido como acampamento ou apenas local de coleta e preparação de matéria-prima, porém a presença de silexito exógeno nos ajuda a pensar na possibilidade de acampamento, mesmo não tendo sido encontrados instrumentos líticos.

A região mais conhecida em Manaus pela presença de areais com material lítico está próxima do Igarapé Tarumã-Açu (Costa 2009; Costa *et al.* 2008). Além desses sítios outros foram identificados durante o levantamento realizado no Tarumã para o empreendedor Baby Oriente, onde quatro sítios arqueológicos foram identificados na área do empreendimento ou em suas proximidades imediatas (Rapp Py-Daniel *et al.* 2010). Existem algumas características comuns a todos os sítios encontrados nesse local, a mais importante delas é que todos estavam em areais, aqui todos os artefatos e lascas foram feitos em arenito.

A maioria dos vestígios era de líticos lascados e modelados pelo desgaste de uso. Dois sítios não possuem material cerâmico, nem nas camadas superiores: Areal do Itapuranga e Bacurau, enquanto que os outros dois têm presença de fragmentos cerâmicos muito deteriorados na superfície. O diagnóstico da área do empreendimento no Tarumã se mostrou extremamente interessante. Pudemos confirmar a recorrência entre areais e sítios pré-cerâmicos,



Fig. 2. Exemplo de perfil de sítio pré-cerâmico em areal (sítio Musa). Foto Claide Moraes.



Fig. 3. Lascas de arenito silicificado encontradas no sítio Musa. Foto Claide Moraes.

atestada por Costa (2009) em Iranduba e em alguns contextos próximos ao rio Negro. Além disso, encontramos material cerâmico nos areais, fato mais raro. Infelizmente não conseguimos estimar a datação dentro da área do empreendimento, não havia material para tal.

O material encontrado nos sítios sem cerâmica no Tarumã parece indicar algum processo de manejo de vegetais, o que condiz com as evidências encontradas em outros sítios da Amazônia. Nas poucas intervenções realizadas em sub-superfície – estávamos fazendo somente diagnóstico e recomendamos um posterior resgate do sítio – dois almofarizes foram encontrados, sendo um deles muito gasto por uso.

Se utilizarmos os dados produzidos por outras disciplinas como a botânica onde Clement *et al.* (2009) apontam o processo de domesticação de plantas como mandioca e pupunha com antiguidade de pelo menos 8000 anos, poderemos pensar que os almofarizes encontrados nos sítios líticos fazem parte de um processo muito antigo de manejo de plantas.

Para os sítios de Manaus não há, até o presente, material e/ou contexto controlado para datação, portanto é difícil estimar o período dessas ocupações. Entretanto, para o município de Iranduba/AM há ocupações pré-ceramistas datadas entre 9.000 e 4.500 anos antes do presente para o sítio D. Stella (Costa 2009). Mas

análises mais minuciosas precisam ser feitas sobre os vestígios de Manaus.

Conclusão

Conforme exposto os dados encontrados não corroboram a hipótese de caçadores de megafauna em áreas abertas. A cronologia do processo de domesticação de plantas na Amazônia e as datas dos sítios mais antigos parecem mostrar que o próprio processo de formação do que hoje conhecemos como floresta amazônica se deve à longa trajetória de experimentação do manejo de plantas empregado pelo homem desde o início da ocupação da região.

Vários fatores são apontados para exemplificar as dificuldades que o homem teria para se estabelecer na região de floresta tropical em períodos anteriores ao advento da agricultura: a densidade da floresta, a falta de matéria prima lítica, a escassez da caça e os obstáculos para a locomoção. Porém, o que os exemplos da cultura material nos mostram é que o homem procurou meios para se adaptar a todas essas adversidades, os sítios pré-agrícolas que temos na Amazônia demonstram um processo muito antigo de experimentação conjugada com a exploração de recursos

botânicos e faunísticos. A própria cerâmica, tida como exemplo de tecnologia de agricultores, parecesse surgir na Amazônia desassociada da agricultura.

A interpretação das primeiras ocupações amazônicas necessita muito mais que o entendimento da complexidade das indústrias líticas evidenciadas na região. É preciso entender como o manejo, até o momento datado em cerca de 11 mil anos, influenciou o processo de construção do que hoje chamamos de floresta amazônica. Cabe a nós arqueólogos trazer para os cenários dos debates amazônicos as evidências

do que hoje se tende a chamar de “floresta virgem”, como um mosaico de construção cultural conhecido como o berço da diversidade biológica. Jamais poderemos desconsiderar o papel do homem na criação dessa biodiversidade.

Agradecimentos

À Comissão organizadora do evento; a Adilon Pereira; a Francisco Vilaça; a Douglas Guedes; a Márcio Pontes; à equipe do PAC; à Baby Oriente; à FAPESP; ao MUSA; à Marjorie Lima.

RAPP PY-DANIEL, A.; MORAES, C.P.; NEVES, E.G.; SILVA, L.C. Pre-ceramic occupations on sandy soils in Central Amazon. *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia*, São Paulo, Suplemento 11: 43-49, 2011.

Abstract: We propose to present here some data on pre-ceramic occupations collected during archaeological surveys near Manaus. Hypotheses made about human occupations and their interaction with the environment are being discussed since the beginning of research in the region. Ceramic, lithic and botanical materials have provided interesting data for these discussions. In light of these data we decide to revise some assumptions made about the first inhabitants of the Amazon as specialized hunters.

Keywords: Amazonian archaeology – Pre-ceramic occupation – Lithic – Forest management.

Referências bibliográficas

- AB'SABER, A.N.
1977 Espaços ocupados pela expansão dos climas secos na América do Sul, por ocasião dos períodos glaciais quaternários. *Paleoclimas*, 3: 1-19.
- BALEE, W.
2010 Amazonian Dark Earths. *Tipit'i: Journal of the Society for the Anthropology of Lowland South America*. The Berkeley Electronic Press, 8 (1): 1-18.
- BANDEIRA, A. M.
2008 Ocupações humanas pré-históricas no litoral maranhense: um estudo arqueológico sobre o sambaqui do Bacanga na ilha de São Luís - Maranhão. Dissertação de mestrado do Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo, São Paulo.
- COSTA, F. W.
2004 Estudo das Indústrias Líticas Pré-cerâmicas da Área de Confluência dos Rios Negro e Solimões. Dissertação de mestrado do Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo.
- 2009 Arqueologia das Campinaranas do baixo rio Negro: em busca dos pré-ceramistas nos areais da Amazônia Central. Tese de doutorado do Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo.

- COSTA, F.W.; RAPP PY-DANIEL, A.; LIMA, M.; PULLIER, J.; MENDONÇA DA SILVA, L.; TAMANAHA, E.K.; MORAES, B.
- 2008 Primeiro Relatório Parcial da II Etapa do Programa de Prospecção e Resgate Arqueológico na Área do Condomínio Alphaville Manaus II e nas demais chácaras que formam a região do Itapuranga IV, Manaus, Amazonas. Entregue ao IPHAN.
- CLEMENT, C.R.; KLÜPPEL, M.P.; GERMAN, L.A.; ALMEIDA, S.S.; MAJOR, J.; DE ARAGÃO, L.E.O.E.C.; GUIX, J.C.; LLERAS, E.; PRINS, A.M.G.A.W.; HECHT, S.B.; MCCANN, J.M.
- 2009 Diversidade Vegetal em Solos Antrópicos da Amazônia. In: Teixeira, W.; Kern, D.; Madari, B.; Lima, H., Woods, W. (Eds.) *As Terras Pretas de Índio da Amazônia*, Embrapa: 146-161.
- CLEMENT, C.R.; CRISTO-ARAÚJO, M.; D'EECKENBRUGGE, G.C.; PEREIRA, A.A.; PIKANÇO-RODRIGUES, D.
- 2010 Origin and Domestication of Native Amazonian Crops. *Diversity*, 2: 72-106.
- FRASER, J.; CLEMENT, C.
- 2008 Dark Earths and manioc cultivation in Central Amazonia: a window on pre-columbian agricultural systems? *Boletim Paraense Emílio Goeldi*, 3 (2): 175-194.
- MAGALHÃES, M.P.
- 1990 Oito Mil Anos Antes do Presente. Dissertação de Mestrado. Rio de Janeiro, Universidade Federal do Rio de Janeiro.
- MEGGERS, B.
- 1971 *Amazonia: man and culture in a counterfield paradise*. Chicago: Aldine.
- MILLER, E.T.
- 1979 Pesquisar Arqueológicas paleoindígenas no Brasil Ocidental. In: Nuñez, L.; Meggers, B. (Eds.) *Investigaciones Paleoindias al sur de la línea ecuatorial*. Estudios Atacameños. Universidad Del Norte, Inst. De Investigaciones Arqueológicas R. P. Gustavo Le Paine. San Pedro de Atacama, Univ. Del Norte, 8: 37-61
- OLIVER, J.
- 2008 The archaeology of agriculture in ancient Amazonia. In: Silverman, H.; Isbell, W.H. (Eds.) *Handbook of South American Archaeology*. Springer: 217-234.
- RAPP PY-DANIEL A.; MORAES, C.
- 2010 Levantamento arqueológico na área das futuras instalações do Museu da Amazônia (MUSA). Relatório entregue ao IPHAN.
- ROOSEVELT A.; LIMA DA COSTA, M.; LOPES MACHADO, C.
- 1996 Paleoindian cave dwellers in the Amazon: the peopling of the Americas. *Science*, 272: 373-384.
- ROOSEVELT, A.C.; HOUSLEY, R.A.; IMAZIO DA SILVEIRA, M.; MARANCA, S.; JOHNSON, R.
- 1991 Eight millennium pottery from a prehistoric shell midden in the Brazilian Amazon. *Science*, 254 (5038): 1621-1624.
- SIMÕES, M.
- 1981 Coletores- pescadores ceramistas do litoral do Salgado. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi-Nova Série*, Belém, 78.
- SIMÕES, M.F.; COSTA, F.A.
- 1978 Áreas da Amazônia Legal brasileira para pesquisa e cadastro de sítios arqueológicos. *Publicações Avulsas do Museu Paraense Emílio Goeldi*, Belém, 30.
- SCHMITZ, PI.
- 1999 A Questão do Paleoíndio. In: Tenório, M.C. (Ed.) *Pré-história da Terra Brasilis*. Rio de Janeiro, Editora UFRJ: 55-60.
- ZANETTINI, P.
- 2010 Qual o Futuro Desejamos para a Arqueologia no Brasil. *Arqueologia em debate*. *Jornal da Sociedade de Arqueologia Brasileira*, 2: 19-22.